

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA
CAMPUS JARAGUÁ DO SUL
CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA (MODALIDADE: INTEGRADO)

GILLIARD CARVALHO DE ALMEIDA
LAVÍNIA CAÇADOR
MARLON WENDEL VALENTIM DE MIRANDA
MIKAEL MARCOS DOS SANTOS
VINÍCIUS PELLE

AUTISMO EM JARAGUÁ DO SUL

JARAGUÁ DO SUL, 2013

GILLIARD CARVALHO DE ALMEIDA
LAVÍNIA CAÇADOR
MARLON WENDEL VALENTIM DE MIRANDA
MIKAEL MARCOS DOS SANTOS
VINÍCIUS PELLE

AUTISMO EM JARAGUÁ DO SUL

Projeto de pesquisa desenvolvido no eixo formativo diversificado “Conectando os Saberes” do Curso Técnico em Química (Modalidade: Integrado) do Instituto Federal Santa Catarina – Câmpus Jaraguá do Sul.

Orientador (a): Lenita Ana Bianchetti Spliter

JARAGUÁ DO SUL, 2013

SUMÁRIO

1 TEMA	4
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	4
3 PROBLEMA	4
4 HIPÓTESES	4
5 OBJETIVOS	4
5.1 Objetivo Geral	4
5.2 Objetivos Específicos	4
6 JUSTIFICATIVA	5
7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
7.1 Conceito de Autismo	7
7.2 Características Gerais do Autismo	7
7.2.1 Falta de Habilidade Social	8
7.2.2 Falta de Comunicação	9
7.2.3 Comportamento Repetitivo	10
7.3 Níveis Gerais do Autismo.....	10
7.4 Autismo & Escola.....	11
7.5 Lei de Inclusão.....	12
8 METODOLOGIA.....	13
9 CRONOGRAMA	14
10 REFERÊNCIAS	15

PROJETO DE PESQUISA

1 TEMA

Autismo em Jaraguá do Sul

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Esta pesquisa verificará o nível de conhecimento dos professores que atuam na educação infantil do município de Jaraguá do Sul sobre autismo.

3 PROBLEMA

Qual a concepção que os professores que atuam na educação infantil tem sobre autismo?

4 HIPÓTESES

- A maior parte dos professores da educação infantil em Jaraguá do Sul tem uma compreensão ampla sobre o autismo;
- Os professores tem uma visão superficial sobre autismo;
- Os professores conseguem identificar as principais características de aluno autista na sala de aula.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a concepção que os professores que atuam na educação infantil tem sobre autismo.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar a opinião dos professores sobre como deveria ser a capacitação para trabalhar com alunos com autismo;
- Constatar se os professores identificam as principais características dos alunos autistas;
- Verificar se o professor(a) já teve convivência com autistas;
- Verificar a estratégia utilizada pelo professor(a) para trabalhar com autistas;
- Apurar os meios pelo qual o professor(a) teve informações sobre autismo.

6 JUSTIFICATIVA

Uma das dificuldades relacionais do mundo contemporâneo é compreender, respeitar e conviver com as diferenças. Há algum tempo está se introduzindo no ensino regular alunos que apresentam diversas necessidades específicas, como por exemplo, o autismo.

Segundo Martins *et al* (2013), o autismo, também chamado de síndrome de Asperger, por conta de Hans Asperger o ter descoberto em 1944 com seu colega Leo Kanner, é um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). É caracterizado por déficits em muitas áreas de funcionamento que levam a uma interrupção no desenvolvimento humano. Suas características ou sintomas são, em geral, três anormalidades ou desvios: Relacionamento social, uso da linguagem para comunicação e comportamento que envolve características repetitivas sobre um número limitado, porém intenso, de interesses.

Desde a antiguidade não havia relação e aproximação entre autistas e pessoas consideradas normais, na escola. Contudo o governo brasileiro está lutando para integrá-los tais pessoas, assim como também deficientes físicos na escola. Diante disso, justifica-se o interesse de pesquisar se esses professores que vão receber esses alunos estão devidamente preparados. Segundo Albuquerque (2013), especialistas dessa área dizem que é possível que os autistas estejam em escolas regulares, porém o problema maior é que se os professores, quando receberem tais alunos, estão preparados para os receberem em sua sala. Todos os autistas e os que estão ao seu redor sofrem com esse fato, por não saberem como reagirem fora dos padrões aceitos atualmente pela sociedade.

O mesmo autor cita Eliana Rodrigues Boralli Mota, quem fundou a Associação dos Amigos da Criança Autista (AMA) há 25 anos, ressalta que a família sofre tanto quanto a própria criança autista. Com esse fator, parece ser importante criar um ambiente para acolher os autistas em todas as áreas públicas, e decidimos descobrir se a prefeitura já preparou esse campo na área de educação infantil para esses autistas. Tudo que existe fora no mundo não passa de preconceito contra os autistas; o atendimento médico para eles é difícil, porque até convênios se recusam a receber autistas como dependentes. (ALBUQUERQUE, 2013)

Por outro lado, as pesquisas atuais nos mostram que o número de autistas tem aumentado drasticamente durante os últimos anos. De acordo com Silva (2013), enquanto no começo do ano de 2012 em Jaraguá do Sul havia aproximadamente 50 alunos autistas na Associação de Amigos do Autista (AMA) e no ano de 2013 há aproximadamente 72 crianças autistas. Portanto, isso nos levou a concluir que, há um aumento pela procura da AMA e necessidade de saber a concepção que os professores da educação infantil tem sobre autismo.

A Associação de Amigos dos autistas de Jaraguá do Sul desenvolve parcerias e que auxilia na capacitação quando solicitada.

Diante disso acreditamos, portanto, que esta pesquisa será relevante visando identificar o quanto os professores estão ou não estão preparados para trabalhar com autistas.

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

7.1 CONCEITO DE AUTISMO

Segundo Santo e Coelho (2013), o autismo é um distúrbio psiquiátrico raro e grave caracterizado por um desenvolvimento intelectual desequilibrado, que afeta também a capacidade de socialização. Pode-se dizer que é caracterizado por severos problemas ao nível da comunicação, do comportamento e por uma grande incapacidade em relacionar-se com as pessoas de uma forma normal. O autismo é quatro vezes mais comum em meninos do que meninas, e até hoje não conseguiu se provar nenhuma causa psicológica que possa provar a causa do distúrbio.

Existem autistas que seu QI é acima da média. Às vezes, muito acima. O motivo para a vantagem de ele ter um QI alto está em seu próprio problema. Como o mundo externo não importa, quem tem transtorno de Asperger consegue se focar mais em um único interesse: música, ciência, literatura. “Como não consegue se comunicar verbalmente volta-se para o estudo. O mesmo comportamento obsessivo de alinhar objetos e buscar semelhanças em coisas aleatórias os torna cientistas natos” (VIEIRA, 2013).

Segundo Cabral (2013) o distúrbio faz com que o cérebro não consiga receber os estímulos recebidos pelo organismo e então dificulta a comunicação da criança, fazendo com que essa tenha dificuldade em relacionamentos, em expressar sentimentos e sensações, em falar, desinteresse por jogos e brincadeiras, retardo mental e outras características que não precisam necessariamente estar presentes em uma mesma criança. Infelizmente, as causas que provocam o autismo são desconhecidas, mas acreditamos que há ligações com hereditariedade, fatores orgânicos e anomalias que ocorrem no desenvolvimento do feto.

O risco de uma criança nascer com esse distúrbio é de 1 para 2.500, mas em famílias onde já existe um caso o risco aumenta 200 vezes. Os sinais mais visíveis e comuns dos autistas são: preferência ao isolamento, resistência a mudanças, fixação por alguma parte de objetos, atraso ou falta da linguagem verbal, manias, acessos de raiva, baixa coordenação motora entre outras.

Segundo o autor, o tratamento faz parte do grupo das doenças em que não existe atualmente cura total. Se a pessoa tem, ela ficará com autismo o resto de sua vida.

7.2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO AUTISMO

Segundo Varella (2013), o autismo é um transtorno global do desenvolvimento marcado por quatro características fundamentais: inabilidade para interagir socialmente; dificuldade

com domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos (metáfora); padrão de comportamento restritivo e repetitivo; o grau de comportamento é de intensidade variável. O autismo aborda pessoas de todas as classes sociais e etnias.

O Autismo também pode ser classificado como uma grave e complexa alteração do desenvolvimento. Pode ser diferenciado de outros transtornos por meio de critérios diagnósticos descritos no DSM-IV (manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais) e CID-10 (classificação internacional das doenças). A expressão em inglês Pervasive Development Disorder foi traduzida de forma diferenciada de acordo com a editora, assim no DSM-IV (publicado pela Artes Médicas) foi utilizado Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) e o CID-10 (publicado pela Artes Médicas) utilizou também TID, e quando traduzido pela Editora da Universidade de São Paulo utilizou Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). “Essa diferença, embora possa parecer irrelevante, tem provocado algumas dificuldades” (MERCADANTE *et al*, 2011).

7.2.1 Falta de Habilidade Social

Quando você observa uma criança nova chegar à escola, à primeira vista parece ser igual a qualquer um. Contudo se começa a observar algo errado com ele quando se comunica com ele: ele evita olhar nos olhos; balança o corpo para frente e para trás, bate a cabeça contra a parede, tem dificuldade em interagir socialmente... É difícil manter uma conversa considerada pela maior parte das pessoas como normal.

Segundo Rachamandran e Oberman (2013), na década de 40, dois médicos, o psiquiatra americano Leo Kanner e o pediatra austríaco Hans Asperger, descobriram um distúrbio que afeta milhares de crianças no mundo. Ambos chamaram de *autismo*, devido ao seu significado *autos*, do grego, significa “de si mesmo”. Atualmente os especialistas costumam adotar o termo “transtornos do espectro do autismo”. Houve explicações de diversos cientistas quanto a sua real causa, como os anatomistas, apesar de não haver conexão de suas teorias com o distúrbio (por exemplo, Courchesne, da Universidade da Califórnia em San Diego e outros, que mostraram que crianças autistas apresentam anomalias típicas no cerebelo, a estrutura cerebral responsável pela coordenação dos movimentos musculares voluntários. Apesar de essa afirmação ter, de certa forma, algum sentido, seria loucura concluir que o cerebelo tem a ver com o distúrbio. Lesão cerebelar pode causar tremores na criança, contorções e movimentos anormais oculares – sintomas que são raramente associados ao autismo) e os psicólogos, pessoas que tem argumentos mais aceitáveis para explicar o distúrbio, apesar de, do mesmo jeito que os anatomistas, eles não explicam os sintomas relacionados ao autismo.

Contudo há outros cientistas que seguiram outro caminho. Na década de 90 eles observaram o funcionamento neuronal de macacos enquanto esses macacos praticavam outras atividades induzidas. Há um neurônio que dispara quando o macaco pega algum alimento, ou no momento em que aciona uma alavanca, etc. É comum chamar tais células nervosas de neurônios de comando motor. Entretanto o mais surpreendente foi que havia um subgrupo de neurônios de comando motor que, além de dispararem para o animal fazer a ação, também disparava quando ele via outro fazendo essa ação. Isso leva a acreditar que esses neurônios não apenas habilitam os seres humanos e primatas a determinar suas intenções, mas também intenções de outros que fazem a mesma ação.

Essas observações levam a crer que esse tipo de neurônio não apenas emite comandos motores como habilita primatas e humanos a determinar as intenções de outros indivíduos através da simulação mental das ações destes. Nos macacos, o papel desses neurônios parece limitar-se a fazê-los prever simples ações direcionadas; mas nos humanos, tudo leva a crer que dizem a respeito à capacidade de interpretar intenções mais complexas (RAMACHANDRAN & OBERMAN, 2013).

Alguns estudos posteriores mostraram que esses neurônios também disparavam, não apenas quando uma pessoa sentia dor, mas também quando ela via outro sentindo dor. Observou-se, além disso, que quando um bebê vê sua mãe mostrar a língua, ele faz o mesmo. Porém ele não vê sua própria língua, mas neurônios de comando motor são ativados quando a imagem da mãe é interpretada pelo cérebro da criança. Por último, tudo indica que essa classe de células nervosas capacita o ser humano a enxergar a si mesmo como seu semelhante, portanto é essencial para a socialização, pois com isso você compreende as intenções do outro, podendo se interagir com ele.

Portanto, com base nesses estudos, é possível haver uma associação disto com o autismo, em relação ao sintoma de dificuldade de socialização.

7.2.2 Falta de Comunicação

As dificuldades na comunicação ocorrem de formas diferentes em graus variados. Algumas crianças não desenvolvem habilidades de comunicação. Outras têm linguagens imaturas, os que têm capacidade de expressar sentimentos adequados podem ter inabilidade em iniciar ou manter uma conversa apropriada. Os déficits de linguagem e de comunicação permanecem na vida adulta e uma proporção significativa de autistas permanece não verbais, aqueles que adquirem habilidades verbais tem dificuldade em compreender

sutilezas da linguagem (GADIA *et al*, 2004).

7.2.3 Comportamento Repetitivo

O comportamento repetitivo é uma característica do autismo. Por esse motivo pessoas com autismo seguem rotinas de forma extremamente rígida ficando muito irritadas quando algum acontecimento impede ou modifica essa rotina, sendo frequente o balançar do corpo, os gestos e os sons repetitivos (SANTO & COELHO, 2013).

Os padrões restritivos e repetitivos dominam com frequência as atividades diárias de crianças com autismo e sempre causam impacto em suas habilidades de aprendizagem e no desenvolvimento de comportamentos adaptativos (McDONOUGH & BODFISH, 2013).

Nos padrões repetitivos incluem a resistência a mudanças, apego excessivo a objetos e fascínio com movimento de peças (como rodas ou hélices). Apesar de algumas crianças parecerem brincar, elas se preocupam mais em manusear ou alinhar os objetos. Estereotípias motoras e verbais, tais como se balançar, bater palmas repetitivamente, andar em círculos ou repetir determinadas palavras, frases ou canções são também manifestações frequentes em autistas (GADIA *et al*, 2013).

7.3 NÍVEIS GERAIS DO AUTISMO

Segundo Camargos (2013), entre os níveis do autismo podemos citar a síndrome de Asperger que é um transtorno de múltiplas funções do psiquismo com afetação principal na área do relacionamento interpessoal e no da comunicação, embora a fala seja relativamente normal. Há ainda interesses e habilidades específicas, o pedantismo, o comportamento estereotipado e repetitivo e distúrbios motores. Também há outros níveis como a Síndrome de Rett (SR) que atinge uma prevalência média de 1\22.000 mulheres entre 2 e 18 anos. A SR é uma encefalopatia crônica lentamente progressiva que evolui de maneira previsível em quatro diferentes estágios onde há uma anormalidade no desenvolvimento cerebral da criança quando a mesma ainda é um feto. A Síndrome de Rett (SR) resulta da mutação nova, de um gene dominante, ligado ao cromossomo X, que na imensa maioria das vezes, se origina no cromossomo X de origem paterna, vale dizer está presente somente nas células germinativas masculinas (os espermatozoides) e somente no gameta fecundou em um dado óvulo em uma dada gestação.

7.4 AUTISMO & ESCOLA

Segundo a pesquisa “Autismo e Escola: Perspectiva de Pais e Professores”, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), 85% dos cuidadores de crianças e adolescentes autistas identificam a escola como uma experiência positiva para seus filhos; apenas 15% acredita que ela desenvolva o aprendizado, a comunicação e a autonomia deles. (BERBERT, 2013)

Para conhecer a aprendizagem de uma criança autista é necessário identificá-la na sala de aula e entender quais são as suas dificuldades de atenção e comunicação. (SILVA & COSTA, 2013)

Quando comparamos o número total de autistas com o número de autistas em escolas regulares comuns, concluímos que a inclusão dos autistas numa escola é rara, porém essa inclusão poderia amenizar a falta de habilidade social, devido ao grande contato com variadas pessoas, e, dessa forma, acabaria também com os outros principais sintomas.

A presença de alunos autistas, em uma sala de aula comum, é uma situação rara nas escolas de ensino regular, porém, as possibilidades de se conseguir progressos significativos desses alunos na educação por meio de adequação das práticas pedagógicas à diversidade dos aprendizes são bastante representativas. (MORAES & OLIVEIRA, 2002)

A ideia de inclusão de autistas em escolas regulares é uma ideia bastante relevante para um “tratamento” de autistas, pois isso desenvolveria sua habilidade social, e consequentemente desenvolveria seu comportamento na sociedade e sua comunicação. A escola, por ser um lugar com bastante entrada e saída de pessoas diferentes, pode ajudar no tratamento do autismo. (SILVA, 2013, “Informação Verbal”)

Observa-se que há um grande receio dos pais de como seus filhos autistas irão se relacionar com os demais colegas nas escolas consideradas “normais”, pois os autistas quase não correspondem a estímulos. E através de um trabalho de acompanhamento e preparação da comunidade escolar, pois quanto mais cedo for diagnosticado o distúrbio, maiores são as chances de haver um progresso na educação inclusiva, e para ocorrer esse progresso é preciso que nas escolas regulares haja um trabalho terapêutico que possa ser desenvolvidas as potencialidades do autista sempre desenvolvendo o melhor e mais aceitável método. É preciso que haja uma expansão rápida para concretizar esta transformação na inclusão de autistas na escola. Existem teorias na forma de trabalhar com a criança autista relacionada à educação,

alguns dão ênfase aos desejos da criança, enquanto outros procuram respostas comportamentais. (MORAES & OLIVEIRA, 2013)

7.5 LEI DE INCLUSÃO

As leis que existiam no Brasil e em Santa Catarina em relação às doenças ou deficiências colocava todos os deficientes em geral num grupo somente, colocando autistas deficientes físicos no mesmo lugar. Segundo Belisário (2010), isso é errado, pois o autista não é um deficiente físico, e, dependendo de seu nível, pode não ser uma doença, e sim, um simples Transtorno Invasivo de Desenvolvimento, o qual não é uma deficiência, porém simplesmente um transtorno, que, adquirindo a tradução original do inglês que significa desordem, vemos que não pode ser considerado uma doença, pois o significado original de transtorno seria alguma coisa que aconteceu no desenvolvimento da criança, e não seria essa a característica principal de uma doença, porque uma doença pode ser adquirida não somente no ventre da mãe, mas depois de nascer ou depois de velho.

Contudo, no final do ano de 2012, foi aprovada uma lei especificando os direitos de um portador de autismo, igualando a todas as crianças. Foi aprovada a lei nº 12.764/12 que visa a inclusão de autistas nas escolas regulares e, portanto, incluir é lei e recusar um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é crime. Através dessa lei, a escola irá se tornar mais inclusiva, mas é necessário que haja uma equipe de profissionais habilitados nessa área, para que as crianças possam ter um acompanhamento particular e especializado de acordo com cada nível.

De acordo com Gabrilli (2013), foi apresentada uma emenda, aprovada pela presidente Dilma, em que há uma punição para os gestores que recusarem a matrícula do aluno com autismo ou outra deficiência. Essa multa será de 3 até 20 salários-mínimos. Se houver reincidência, os gestores poderão até perder o cargo. Essa lei, porém, teve alguns vetos que foram explicados pela presidente Dilma Rousseff. Foram dois dispositivos que foram vetados para que garantam atendimento especial aos alunos que não puderem frequentar a rede regular de ensino. O argumento do governo é que a possibilidade de haver exclusão dos alunos autistas das escolas regulares é contrária à Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da qual o Brasil é signatário. Segundo o acordo, todas as pessoas com deficiência devem ter acesso aos ensinos primário e secundário inclusivos. Outro veto acaba com a previsão de horário de trabalho especial para funcionários públicos que sejam pais ou responsáveis por pessoas com deficiência.

8 METODOLOGIA

Inicialmente buscaremos informações através do Banco de Dados na Secretaria Municipal de Educação como uma forma de coletar dados sobre os professores da rede municipal de Jaraguá do Sul, adquirindo o máximo de informações possíveis que respondam nossa questão problema. Levantaremos a formação dos professores, o número de alunos e o número de escolas.

Após o levantamento das informações acima, aplicaremos um questionário adaptado de Felicio (2007) em duas escolas, sendo uma pública e uma particular, tendo como objetivo analisar a concepção que os professores da educação infantil tem sobre autismo.

Finalmente, organizaremos os dados para posterior análise e conclusão da pesquisa.

9 CRONOGRAMA

Período / Atividades	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho
Aprofundamento da revisão bibliográfica	X	X	X	X	X	X
Coleta de dados		X	X			
Análise dos dados			X	X		
Redação da 1ª versão do trabalho				X	X	
Redação da versão final				X	X	X
Apresentação do trabalho de conclusão do conectando saberes.						X

10 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. **Inclusão de autistas em escolas é possível, mas é preciso preparação.** Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/educacao/inclusao-de-austistas-em-escola...>> Acesso em 18 nov. 2013.

BELISÁRIO, J. F. Inclusão. **Revista da Educação Especial**, p. 4-11, 2010.

BERBERT, S. **Estudo analisa papel da escola na vida de crianças autistas.** Disponível em <<http://www.usp.br/aun/exibir.php?id=5444>> Acesso em: 26 nov. 2013.

CABRAL, G. **Autismo.** Disponível em <<http://www.mundoeducacao.com/doencas/autismo.htm>> Acesso em: 13 nov. 2013.

CAMARGOS, W. Jr. **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio.** Disponível em <<http://www.afaga.com.br/biblioteca/CamargosW.pdf#page=27>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

GABRILLI, M. **Lei que garante direitos a autistas já está em vigor.** Disponível em: <http://vidamaislivre.com.br/noticias/noticia.php?id=6334&/lei_que_garante_direitos_a_autistas_ja_esta_em_vigor>. Acesso em: 01 dez. 2013.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento.** *Jornal de Pediatria*. Porto Alegre, vol. 80, n. 2, p. 83-94. abr. 2004.

MARTINS, M. A. G., SILVA Y. C. R., MAINARDES, S. C. C. **Uma Visão Sobre a Síndrome de Asperger.** Disponível em <http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/mostras/quin_mostra/marcio_antonio_giansante_martins.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2013.

McDONOUGH S. G., BODFISH J. W. **Efeitos de um Tratamento Implantado na Família para os Comportamentos Repetitivos da Criança com Autismo.** Disponível em <<http://www.ama.org.br/site/images/stories/Voceaama/artigos/110606feitodeumtratamentoinplantadorefar.pdf>> Acesso em: 27 nov. 13.

MERCADANTE, M. T.; MOURA, P. J.; SATO, F. Bases Neurobiológicas do Autismo: Enfoque no domínio da sociabilidade. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo, vol. 21. n.2, p. 47-57. 2011.

MORAES, F. F., OLIVEIRA, I. S. **O Autismo na Perspectiva de uma educação inclusiva**. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/monografias/o_autismo_na_perspectiva_de_um_a_educacao_inclusiva.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2013

RAMACHANDRAN, V. S., & OBERMAN, L. M. Espelhos Quebrados, Uma Teoria Sobre o Autismo. **Scientific American Brasil**, n. 50, p. 50-57, 2013

SANTO, A. M., & COELHO, M. M. **Autismo. "Perda de contato com a realidade exterior"**. Disponível em <http://cenfocal.drealentejo.pt/trabalhosformandos/ac%E7%E3o7/Trabalho_Final_-_Autismo_Ant%C3nia_Madalena.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2013.

SILVA, E. **Entrevista sobre Autismo**. Associação dos Amigos do Autista (AMA), Jaraguá do Sul, em 21 nov. 2013

SILVA, L. S., & COSTA T. S. **Autismo na Escola**. Disponível em <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2010/artigos/pedagogia/salao/642.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2013.

VARELLA, D. **Autismo**. Disponível em <<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/autismo/>>. Acesso em: 25 out. 2013.

VIEIRA, W. **Autismo: Ilhados em seu próprio mundo**. Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/autismo-ilhados-seu-proprio-mundo-685408.shtml>>. Acesso em: 07 nov. 2013.